

GRAMSCI: O PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO NOS *CADERNOS DO CÁRCERE*

Gramsci: The political-pedagogical project in the Prison Notebooks

MEDICI, Rita¹

RESUMO

O presente trabalho retoma alguns dos principais interlocutores de Gramsci como Marx, Croce e Sorel, detém-se particularmente numa comparação metodológica de pesquisa entre o primeiro e o autor dos *Quaderni*, mostrando aproximações e divergências entre os mesmos. Enquanto em Marx o aspecto científico se mostra como o mais robusto, em Gramsci apresenta-se como o mais frágil. Pode-se perceber o contrário no que toca à dimensão política, que Gramsci discute e mostra o seu momento de coincidência com a dimensão pedagógica. Política é educação e educação é política. Mas investigando-se a ênfase dada por Gramsci nos *Cadernos do Cárcere* a um determinado projeto de elevação intelectual e moral das massas, percebe-se a contradição existente entre os meios propostos pelo pensador e político sardo e os fins contidos em seu projeto político pedagógico.

Palavras-chave: Gramsci; Projeto político-pedagógico; *Cadernos do Cárcere*.

ABSTRACT

This paper revisits some of the main interlocutors of Gramsci like Marx, Croce and Sorel, has been particularly methodological research on a comparison between the first and the author of *Quaderni*, showing similarities and differences between them. While the scientific aspect of Marx appears as the most robust in Gramsci presents itself as the most fragile. You can see the opposite as regards the political dimension, which Gramsci discusses and shows his moment of coincidence with the pedagogical dimension. Policy is education and education is political. But investigating the emphasis given by the Prison Notebooks Gramsci in a particular project of intellectual and moral elevation of the masses, we find the contradiction between the means proposed by the thinker and political Sardinian and purposes contained in its political pedagogical project.

Keywords: Gramsci; Political-pedagogical project; *Prison Notebooks*.

¹ Professora de Filosofia da Universidade de Bolonha, Itália. E-mail: rita.medici@unibo.it

UMA INTRODUÇÃO UM POUCO ALONGADA

O projeto gramsciano dos *Cadernos do Cárcere* não é apenas um projeto político, pela simples razão de que Gramsci não é apenas um teórico político. Gramsci é um filósofo no verdadeiro sentido da palavra, que tem uma visão do homem e da sociedade e, como filósofo da prática, tem também um projeto para a mudança do homem e da sociedade. A filosofia da práxis é um novo tipo de filosofia, que teve início com Marx e que Gramsci herdou dos primeiros marxistas italianos, Antonio Labriola e Rodolfo Mondolfo.² a filosofia da práxis é uma filosofia que, de acordo com a décima primeira das *Teses* de Marx sobre Feuerbach, não quer apenas interpretar o mundo, mas interpretá-lo para o poder mudar.³ O projeto gramsciano distingue-se dos outros (como daquele do próprio Marx, com o qual possui algumas semelhanças) porque é um projeto com tanto de político quanto de pedagógico. Em Marx podemos também encontrar um projeto político que contém uma hipótese pedagógica (a ideia da realização completa da personalidade humana na sociedade comunista).

Em Gramsci, porém, esse aspecto educativo é mais forte e acentuado, tanto que para ele a educação e a política acabam por ser uma única coisa, a sua política é educativa e a sua educação é política. Mas o que é que isso significa? Não se trata decerto de uma subjugação brutal da totalidade do projeto educativo, da *paideia*, à política entendida no sentido limitado e restrito da ação de um partido, mesmo quando era identificado com o Estado, como no caso da União Soviética nos anos do estalinismo. Gramsci tem em mente uma concepção de política que coloca em primeiro plano a ação pedagógica, que tem como objetivo elevar intelectual e moralmente as classes populares; também a sua pedagogia, na qual entra a sua concepção de ensino e de educação é intrinsecamente política no sentido nobre e elevado no qual tudo nos *Cadernos* de Gramsci é política.

Assim sendo, o tema da formação está indissociavelmente ligada à causa das classes mais baixas e ao projeto de superação da sua subordinação. A formação de um indivíduo assume necessariamente o carácter de uma luta contra a exclusão social, que naturalmente tem início na família e continua na escola, a qual reproduz, assim como as encontrou, a divisão de classes da sociedade. Na opinião de Gramsci, a escola seria chamada, juntamente com as restantes entidades (em primeiro lugar, as gerações adultas que têm a tarefa de educar as gerações mais jovens⁴), a fornecer a todos os indivíduos as coordenadas culturais para estes se orientarem na realidade, se tornarem

² Sobre a relação entre Labriola, Mondolfo e Gramsci, me permitam retornar ao cap. I do meu livro *Giobbe e Prometeo*, intitulado *Mondolfo, Gramsci e la filosofia della prassi* (cf. MEDICI, 2000, p.9-37).

³ São as célebres *Teses sobre Feuerbach*, escritas por Marx em 1845 e publicadas pela primeira vez por Engels em 1888. A tese XI afirma: "os filósofos têm tão somente interpretado o mundo, trata-se agora de mudá-lo." Mas a leitura correta dessa tese é: *interpretar o mundo para mudá-lo*, como já sugeria a seu tempo Ernst Bloch no ensaio *Trasformazione del mondo ovvero - le XI tesi di Marx su Feuerbach* (cf. BLOCH, 1972, p.81-135).

⁴ A relação entre as gerações é um tema que interessa particularmente a Gramsci, que o trata repetidamente nos seus *Quaderni* e nas cartas do cárcere. Sobre o tema pedagógico em Gramsci, vejamos as interessantes observações de Giorgio Baratta, que justamente fala de um "Gramsci educatore" (cf. BARATTA, 2007, p.202-205).

conscientes do próprio destino e poderem assim “participar ativamente na produção da história do mundo” [Q 11, § 12, 1376].⁵

Mas quais são os meios utilizados para realizar esta ligação tão forte, esta espécie de identificação da pedagogia e da política? Parece-me que Gramsci coloca em evidência sobretudo dois instrumentos que deverão servir para produzir uma política que seja também uma pedagogia para as massas populares: o partido e os intelectuais. Mas os protagonistas são principalmente os intelectuais que o próprio partido terá de instruir para realizar a sua tarefa mais importante, ou seja, a de formar no povo-nação um novo e mais elevado senso comum. Isso porque, se as massas continuarem a aderir às ideologias de baixo nível cultural, será impossível essa elevação intelectual e moral, sem a qual as massas nunca poderão se tornar, como subalternas que são, verdadeiros protagonistas. Na opinião de Gramsci, o marxismo dogmático e economicista da vulgata marxista é uma dessas ideologias inferiores. Isso explica a dureza do tom com que ele contesta, no *Caderno 11*, as teorias de um dirigente que ele admirava devido a vários aspectos, o russo Nicolaj Bucharin.⁶

Ao mesmo tempo, Gramsci salienta a importância que tem para os intelectuais o “sentir” que é típico das massas populares e não apenas o “saber”. Aliás ele afirma que um dos erros do intelectual é o de acreditar que “se possa conhecer sem compreender e, especialmente, sem sentir e estar apaixonado”: não se faz “história-política sem essa paixão”, “sem esta ligação sentimental que existe entre os intelectuais e o povo” [Q 11, § 67, 1505]. Sobre o tema dos intelectuais, Gramsci desenvolve uma reflexão mais ampla, encontrada não apenas no *Caderno 12*, mas em todos os seus *Cadernos*. As suas observações são em alguns aspectos inovadoras, especialmente se tivermos em conta a época em que foram formuladas, nos anos 30 do século XX. Devemos considerar que esta discussão de Gramsci acerca dos intelectuais foi conhecida pela primeira vez nos anos 50 e 60, após a realização da primeira edição dos *Cadernos do Cárcere*, agora nos encontramos em outro momento histórico, num novo contexto no qual certos aspectos da sua análise não são de todo atuais.

É por esse motivo que gostaria de alertar para o fato de que atualmente se aceita de modo muito passivo as análises gramscianas, não apenas sobre o partido, mas também sobre os intelectuais. Creio que o contexto diverso e as experiências históricas negativas que marcaram o caminho do movimento operário nos países capitalistas, bem como nos do socialismo real, devem sugerir prudência e espírito crítico. Acontece, muito frequentemente, ver que os temas “clássicos” de Gramsci são recuperados sem uma revisão crítica e sem qualquer tipo de atualização da análise das situações históricas que o próprio Gramsci certamente teria recomendado. Acredito que a ideia gramsciana do partido-Príncipe e das suas funções não se possa repetir nos

⁵ As citações dos *Quaderni* são retiradas da edição crítica do Instituto Gramsci aos cuidados de Valentino Gerratana (GRAMSCI, 2001, 2.ed.).

⁶ Sobre isso Álvaro Bianchi observou que a relação de Gramsci com o pensamento de Bucharin “é extremamente complexa e até mesmo contraditória” (BIANCHI, 2008, p.66). A relação de Gramsci com a concepção do marxismo proposta por Bucharin é reconstruída analiticamente (cf. p.66-95). Justamente Álvaro Bianchi reconecta as observações contidas no *Quaderno 11* sobre as questões teóricas e filosóficas às sucessivas reflexões sobre os intelectuais do *Quaderno 12*.

mesmos termos em que foram formuladas por Gramsci no seu tempo. No século XX, as consequências negativas de uma visão superdimensionada das tarefas do partido e da identificação desgraçada partido-Estado que caracterizou o socialismo soviético foram numerosas e demasiado graves.

Creio que a ideia do partido como "Príncipe moderno", assim como Gramsci a formulou (remeto-vos em particular ao § 1 do *Caderno 13*, que afirma que o partido-Príncipe deverá ocupar nas consciências o lugar dos deuses ou do imperativo categórico [Q 13 § 1, 1561]), entra em rota de colisão, não só com a nossa sensibilidade de homens e mulheres contemporâneos, mas também com algumas linhas de fundo do pensamento do próprio Gramsci.⁷ Aqueles que tendem a enfatizar a importância do crescimento consciente das classes populares e que contribuem para identificar o objetivo estratégico, ainda hoje atual, de um "progresso intelectual de massa" [Q 11, § 12, 1385]: atual porque, numa total contratendência no confronto da manipulação quotidiana que as mídias, especialmente a televisão, exercem em paralelo com a massa de telespectadores, com efeitos devastadores sobre as mentes menos preparadas culturalmente.

Assim sendo, torna-se obsoleta, ou seja, inútil, a ideia gramsciana de "intelectual orgânico", na verdade estreitamente ligada à do partido-Príncipe: pelo menos se entendida no modo esquemático em que esta ideia gramsciana foi implementada, como a de um intelectual "arregimentado" que obedece às diretrizes de um partido (que não é o significado que realmente tem para Gramsci, que utilizava este conceito de um modo mais articulado e no sentido científico-descritivo, como o demonstra o fato de que existem "intelectuais orgânicos" mesmo com as classes dominantes⁸). Reitero que hoje o mundo necessita muito mais de intelectuais "críticos", de mentes livres, e não de indivíduos subservientes aos poderes políticos e econômicos, que na atual mercantilização geral se encontram cada vez mais raramente.

Não acho, porém, que a distinção entre os "intelectuais tradicionais" e o "intelectual orgânico", já bastante conhecida, termine com a reflexão complexa de Gramsci sobre o tema dos intelectuais. É apenas a parte mais conhecida e, na minha opinião, a menos atual. Fazem parte daquela reflexão, mas também daquela pesquisa histórico-cultural mais ampla e complexa realizada por Gramsci nos *Cadernos* e utilizada para esclarecer a maneira a qual faltou à Itália a relação entre intelectuais e povo-nação, que se registou devido ao "carácter cosmopolita" (no sentido negativo) da literatura italiana, da natureza aristocrática da cultura humanística e da falta de experiência da Reforma que teve um "carácter popular". Também fazem parte da pesquisa gramsciana sobre os intelectuais as reflexões inspiradas em dois conceitos de natureza histórico-cultural que Gramsci inventa, a partir de dois expoentes da cultura italiana do século XIX, o sociólogo Achille Loria e o escritor católico Antonio Bresciani.

⁷ Sobre os limites e a não atualidade da ideia gramsciana do "Moderno Príncipe", conferir: Medici, 2000, p.81-82.

⁸ No verbete *Intellettuali* do *Dizionario gramsciano*, Pasquale Voza observa que para Gramsci os intelectuais "orgânicos" têm graus diversos de organicidade em relação às várias articulações nas quais se desenvolvem as suas funções. Conferir: Liguori; Voza, 2010, p.427.

"Lorianismo" e "Brescianismo" tornam-se duas categorias com as quais Gramsci pretende condenar, por um lado, a superficialidade de uma cultura desprovida de um fundamento científico sério e, por outro, uma literatura com um escasso valor artístico, produzida por um catolicismo conservador e intolerante.⁹ Não é minha intenção reconstruir aqui, em modo analítico, a reflexão de Gramsci sobre os intelectuais; gostaria, neste momento, de concentrar a minha atenção na totalidade do projeto político-pedagógico de Gramsci que, como referi, possui elementos em comum com outros autores, nomeadamente com o primeiro filósofo da prática, Karl Marx.

ALGUNS INTERLOCUTORES DE GRAMSCI

Vou tentar esclarecer, na minha investigação, não só os aspectos originais, mas também os que representam um retomar de aspectos do pensamento marxista. Basta percorrer, ainda que rapidamente, o índice de nomes para se perceber que Marx é um dos três autores, juntamente com Croce e Maquiavel, mais frequentemente citados por Gramsci nos *Cadernos do Cárcere*. A essas citações devem ser adicionados todos os lugares em que Gramsci se refere aos temas fundamentais do pensamento marxista: o primeiro destes temas é o materialismo histórico e a filosofia da práxis.¹⁰ Existem cadernos inteiros (*Cadernos* 10, 11, 13 e 15) e uma infinidade de páginas de texto gramsciano em que esses temas são abordados. Não pode, portanto, existir qualquer tipo de dúvida de que Gramsci pretenda iniciar um relacionamento com a tradição marxista e, em alguns casos, diretamente com o pensamento de Marx.¹¹

Gramsci dedica menos atenção ao outro fundador do marxismo, Friedrich Engels. No que toca a Engels, ele não adota um comportamento crítico, uma vez que no momento em que ele escreveu, o problema das diferenças entre os dois fundadores do pensamento marxista não era ainda atual. Assim sendo, não encontramos nos *Cadernos* referências polêmicas contra Engels, que é mencionado de modo positivo como autoridade incontestável sobre várias questões. Bem diferente é o discurso para os marxistas que foram seus contemporâneos, como o russo Bucharin, e para os filósofos como Croce e Sorel, que tiveram uma relação importante com o pensamento marxista, mas que se afastaram rapidamente. Com esses autores, Gramsci assume um comportamento fortemente crítico, de modo a conduzir, em alguns casos, a uma demolição das teorias apresentadas nos seus trabalhos.

Isso acontece especialmente com Bucharin, cujo *Manual de sociologia marxista* (que Gramsci cita com o título de *Ensaio popular*) é submetido, no

⁹ Sobre a categoria gramsciana de "brescianismo", vide *Brescianismo* de Marina Paladini Musitelli (FROSINI; LIGUORI, 2004, p. 35-54), mas também, da mesma autora, o verbete homônimo do *Dizionario gramsciano* (cf: LIGUORI; VOZA, 2009, p.80-83).

¹⁰ Sublinha Fabio Frosini que Gramsci abre durante 1930 nos *Quaderni* um espaço dedicado especificamente à reflexão filosófica e observa que "essa reflexão logo se apresenta explicitamente como um 'retorno a Marx', isto é, como um projeto de refundação do materialismo histórico" (FROSINI, 2001, p.33).

¹¹ Observa Dora Kanoussi que os cadernos que a autora define como "filosóficos" (10, 11 e 13) contêm um núcleo gnoseológico comum que consiste na "traduzibilidade implícita" dos dois princípios da *Prefazione* de 1859, ou seja, uma "peculiar interpretação" da crítica marxiana da economia política (KANOUSI, 2007, p.12).

Caderno 11, a uma refutação cuidadosa e drástica [cf: Q 11, §§ 13-35, 1396-1450].¹² Um pouco mais delicada é a posição de Gramsci em relação a dois autores, Croce e Sorel, que, apesar de tudo, continua a considerar dois mestres, com os quais se pode ainda aprender.¹³ Esse fato, porém, não o impede de tecer opiniões por vezes severas em relação a ambos, mostrando um destaque crítico muito acentuado. As críticas gramscianas a esses dois autores investem questões muito complexas, que não posso explicar aqui de modo breve. Gostaria apenas de salientar que Gramsci põe em causa o modo no qual ambos utilizaram e acreditaram que poderiam superar o marxismo.

A crítica de Gramsci acaba por investir não apenas nas suas teorias, mas também na figura do intelectual por eles representado. Em Sorel, Gramsci critica uma certa superficialidade, o fato de “nunca se empenhar a fundo”, deixando-se vencer pelos estímulos da vaidade [Q 11, § 66, 1499]. Em Croce, desaprova o seu destaque de intelectual que, como Erasmus em relação a Lutero, o levou a encarar a história da idade moderna de um ponto de vista acadêmico, típico de uma cultura aristocrática, desinteressando-se pela vida do povo [Q 10, II, § 41,1293-94]. Em 1917, num célebre artigo intitulado *A revolução contra o Capital*, o jovem Gramsci tinha criticado de modo negativo também o pensamento de Marx, que ele via como “repleto de determinismo” e que, na sua opinião, deveria ser rejeitado.¹⁴

Quando redigiu os *Cadernos*, Gramsci, no que toca a Marx, encontra-se numa fase de transição entre a recusa da juventude e a plena aceitação, baseada num amadurecimento teórico e psicológico. A derrota de todo o movimento comunista italiano foi para Gramsci também uma derrota pessoal: a detenção, o julgamento e a prisão após a condenação terão uma influência na sua psique e alterarão profundamente os seus pensamentos.¹⁵ Esse fato muda, significativamente, a percepção que Gramsci tem do tempo e investe, em nível de teoria, o seu modo de olhar para a história e para as suas leis. Segue-se o abandono de impaciência juvenil e uma aceitação da concepção marxista da história que o jovem Gramsci tinha considerado inadequada para explicar os acontecimentos históricos excepcionais, como a Guerra Mundial e a Revolução Russa. Uma aceitação que apresenta, porém, uma reserva crítica importante: os dois princípios da ciência política, que, segundo Gramsci, devem ser retirados do *Prefácio* de Marx a *Para a Crítica da Economia Política*, devem ser “purificados” dos “resíduos de mecanismo e

¹² As reflexões críticas de Gramsci sobre Bucharin e sobre as concepções teóricas presentes no marxismo soviético pós-leniniano são reconstruídas com atenção por Dora Kanoussi, que traz à luz a importância das questões filosóficas afrontadas por Bucharin (o nexos teoria-prática, a regularidade das leis no estudo dos fenômenos sociais, a questão da validade dos conhecimentos e aquela, estreitamente ligada, da “realidade do mundo externo”). Sublinha Kanoussi como Gramsci foi consciente de que por trás de tais discussões se desenvolviam dramas políticos muito reais. Conferir sobre toda a questão das críticas de Gramsci desenvolvidas no *Quaderno 11* (KANOUSSE, 2007, p.75-86).

¹³ Sobre a relação de Gramsci com Sorel e sobre a sua importância para a formação gramsciana, cf: Gervasoni, 1997, p.17-26.

¹⁴ *La rivoluzione contro il Capitale*, saído no “Avanti!” de 24 de dezembro de 1917 (GRAMSCI, 2004, p.156-159).

¹⁵ Sublinha Michele Martelli como no cárcere o pensamento de Gramsci sofrerá um desenvolvimento que o leva a valorizar, ao menos em parte, o pensamento liberal, em particular a ideia do “Estado de direito” e aquela da separação dos poderes (cf: MARTELLI, 1996, p.141-144).

fatalismo” que ainda possuem [Q 15, § 17, 1774]. Ao mesmo tempo, porém, esses dois princípios devem ser desenvolvidos de modo coerente, devendo ser colocados na base de um novo tipo de ciência política que Gramsci pretende construir nos seus *Cadernos*, uma ciência política marxista.

Ele acredita que é possível traduzir, nos termos da doutrina marxista, um tipo de reflexão "científica" da história e da política que tinha sido desenvolvido no início do século XX por dois filósofos italianos de formação positivista, Gaetano Mosca e Vilfredo Pareto. A ciência política de Mosca e Pareto partia de pressupostos um tanto opostos, seja com o marxismo, seja com alguns pontos de vista especificamente gramscianos.¹⁶ De fato, esses autores acreditavam numa natureza humana fixa e constante e, ao mesmo tempo, tornavam permanente e eterna a divisão, nas sociedades humanas, entre a minoria dominante e a maioria dominada. Sabemos que o marxismo tinha rejeitado a noção de "natureza humana". No entanto, Gramsci considerava possível superar a divisão entre governantes e governados. Por essas e outras diferenças teóricas, a tarefa de Gramsci de construir uma ciência política marxista revelar-se-á particularmente difícil.

DIRETRIZES METODOLÓGICAS DE PESQUISA NOS *QUADERNI*

Considero que nos *Cadernos do Cárcere* se possam encontrar três diretrizes principais de pesquisa: 1) uma linha histórico-política, que tende a reconstruir os processos históricos e políticos da Itália e da Europa moderna. Nessa linha, um momento importante é dado através da investigação da história cultural; 2) uma linha teórico-política, que volta a aprofundar os conceitos políticos numa chave científica para preencher uma lacuna que tinha se tornado evidente na tradição marxista; 3) uma terceira linha filosófico-antropológica, na qual se tenta confrontar o relacionamento crucial existente entre o senso comum, a língua e a cultura popular, de modo a superar a subjugação cultural das massas populares e da formação de um senso comum novo e mais elevado.¹⁷ Essas três linhas fundamentais de investigação dão lugar à construção de dois núcleos conceituais distintos: I) o primeiro é composto por um aparelho científico (a ciência marxista da política que Gramsci tende a construir); II) o segundo, por um projeto político-pedagógico que tem como objetivo libertar as massas populares da sua subordinação e torná-las protagonistas.

Alguns dos conceitos gramscianos mais populares pertencem ao âmbito científico, tais como: o "Príncipe moderno", o intelectual orgânico, a vontade coletiva, o nacional-popular, dentre outros. No que toca ao segundo âmbito, há que se reportar à ideia de um "progresso intelectual de massa", bem como à ideia da necessidade que o partido político tem das classes mais baixas, para educar todas as pessoas como potenciais dirigentes, com vistas a

¹⁶ A distância entre Gramsci e esses autores é visível também no modo um tanto diverso com o qual Gramsci se remete a Maquiavel, que fora um ponto de referência privilegiado para ao menos um deles, Pareto. Conferir sobre isso em Medici, 1990 (em particular a parte I, p.7-88; parte III, p.161-207).

¹⁷ Sobre esse aspecto do pensamento de Gramsci, Giorgio Baratta trabalhou de modo criativo, aprofundando e atualizando o ponto de vista gramsciano (cf. BARATTA, 2007, p.119-143 e toda a quarta parte, p.213-291).

superar a divisão entre governantes e governados. No entanto, essa ideia não é superada porque atualmente estamos assistindo, na vida dos partidos e das instituições, a uma tendência à concentração das decisões em áreas cada vez mais restritas, a uma tendência oligárquica renovada. Acredito que o pensamento de Marx também pode ser subdividido nas seguintes partes fundamentais: a) um aparelho científico (a crítica da economia política); b) um projeto político-pedagógico, a construção de uma sociedade sem classes ou comunista.

De acordo com uma divisão clássica, proposta naquela época por Engels no seu *Antidürring*, seriam três os componentes da doutrina marxista: a filosofia, a economia e o socialismo.¹⁸ Uma pesquisa teórica de carácter filosófico, uma leitura crítica da ciência econômica e, por fim, uma reflexão estritamente política sobre a sociedade socialista. Mas eu gostaria de repropor aqui um outro tipo de divisão segundo a qual o marxismo deveria ser dividido em apenas duas partes fundamentais: a) a primeira é constituída por um aparelho de natureza científica (a crítica da economia política); b) a segunda consiste num projeto político-pedagógico que Marx chamou de "comunismo" e que prefigurava a criação de uma sociedade sem classes, com base no coletivismo econômico, unido a uma transformação profunda das relações humanas e sociais, bem como políticas.

São, em outras palavras, o que Ernst Bloch tinha definido como as duas partes essenciais do pensamento marxista: a "corrente fria" (a parte científica) e a "corrente quente" (a parte filosófica dirigida ao "humano").¹⁹ Assim sendo, temos duas coisas: um aparelho científico e um projeto político-pedagógico. Cada uma das partes pressupõe uma determinada teoria que lhe serve de suporte: como a crítica da economia política é apoiada pela concepção materialista da história, deste modo, o projeto pedagógico contido na ideia de sociedade comunista é, por sua vez, apoiado por uma certa visão antropológica, que Marx nem sempre torna explícita, mas que se encontra sempre presente quando as suas reflexões se referem à sociedade futura. Esse conceito antropológico refere-se a uma ideia do homem como um ser dotado de potencialidades que só as circunstâncias históricas e sociais podem limitar ou mutilar.

É o caso do trabalhador assalariado e da expropriação que ele vive na sociedade baseada no capital, mas também de todas as sociedades divididas em classes em que os indivíduos não podem exercer livremente o seu potencial. A toda essa problemática é essencial o conceito de alienação, um conceito filosófico-antropológico que Marx, recuperando-o de Feuerbach, desenvolvia nas suas primeiras obras, mas que se apresenta numa nova forma, nos trabalhos efetuados durante a sua maturidade. Interpretar a sociedade industrial em termos de alienação significa reconhecer na mesma a presença de elementos negativos, de modo a impedir a livre expansão da personalidade individual. Esse era um ponto de vista que Marx tinha herdado

¹⁸ Essa tripartição, que se tornará clássica, é assumida por Engels por razões mais expositivas que estritamente teóricas, seguindo ele, para refutá-los, os três diversos escritos de Dühring sobre os três argumentos, como se evidencia da *Introdução* (Engels 1950, p. 34; cfr. também as *Considerações gerais*, pp. 23-34).

¹⁹ É no seu escrito *Das Prinzip Hoffnung* que Bloch introduz essa distinção (cfr. Bloch 1959, pp. 235-242).

da cultura do romantismo alemão, que tinha iluminado com suas concepções da natureza e do homem os anos da sua formação juvenil. É evidente uma sugestão romântica, quando Marx escreve que na sociedade comunista não existirão pintores, mas só “homens que, entre outras coisas, pintam”.²⁰

Nessa concepção, que antes de mais nada vê no comunismo a necessidade de superar os elementos alienatórios e de reconquista da plenitude do potencial humano, há de ver a parte mais importante da pedagogia de Marx. Nesse aspecto, temos de reconhecer a sua proposta pedagógica, mais ainda do que as indicações de política educacional que Marx forneceu, com a sua clara inclinação para uma educação de tipo politécnico. Como mostrou claramente Rosemary Dore Soares no seu livro *Gramsci, o Estado e a Escola*, Marx foi inicialmente bem contrário a esse tipo de escola que renovava o ensino profissional, devido a estar presente até aquele momento uma forma de ensino ligado ao artesanato e aos ofícios técnicos. Depois, porém, mudou de ideia, chegando a reconhecer que a “escola politécnica”, nascida por iniciativa privada dos industriais, era mais avançada que a escola artesanal e representava “uma ruptura com as formas particularistas e fossilizadas do ensino de ofícios”. Portanto, Marx mudará de ideia, identificando na “escola politécnica” uma forma positiva de treinamento, destinada, porém, apenas às classes dos trabalhadores.²¹

Na reconstrução analítica de Dore, ve-se como a ideia de Marx da instrução “politécnica” foi recebida e desenvolvida pelos bolcheviques até 1924. Mas após a morte de Lenin e especialmente depois de 1929, quando Stalin assume a direção do governo, a linha política soviética é modificada. Uma indicação, a de Marx sobre a educação, que Lenin e Krupskaja tinham admitido na forma que insiste sobre a “instrução geral e politécnica” e que possuía uma amplitude notável de conteúdos, amplitude que será perdida na denominada “escola única do trabalho”, realizada na União Soviética no início dos anos 30, quando a educação “politécnica” se tornará uma instrução em que “a unidade do trabalho teórico e prático não conseguiu ir muito além dos limites da produção industrial imediata”.²²

Nesse projeto pedagógico-político que Marx chamou de comunismo, a parte mais original é a de ordem filosófica: o comunismo visto como o “reino da liberdade” de que Marx fala no capítulo 48 do Livro III do *Capital*. O elemento mais fraco e menos original é o mais especificamente político, pela simples razão de que Marx tendia a subestimar a importância da esfera política como tal. É por esse motivo que na formulação das suas ideias políticas Marx tinha tendência em “pedir emprestado” a outros autores algumas das suas ideias: da tradição blanquista usou a teoria da “ditadura do proletariado”; da sansimoniana, a hipótese do desaparecimento do Estado na sociedade futura. Ao colocar entre parênteses a esfera da política que ele nunca investigou de modo adequado em termos teóricos, Marx mostra-se coerente com o princípio da prioridade da esfera estrutural presente na sua concepção

²⁰ A afirmação se encontra no livro I da Ideologia alemã: Crítica da mais recente filosofia alemã nos seus representantes *Feuerbach, B. Bauer e Stirner*, seção III, *São Max*, dedicada a Max Stirner (MARX; ENGELS, 1958, p.383).

²¹ Conferir: Soares, 2000, p.327-346 (em particular, p.336-343).

²² Conferir: IVI, p.343-373.

de história. No entanto, essa coerência conduz inevitavelmente a uma fragilidade teórica que só os marxistas do século XX e Gramsci, em primeiro lugar, tentará remediar.

Hoje assistimos a um renascimento do interesse pela crítica marxista da economia política e pela investigação científica sobre a sociedade de produção de bens com base no capital. Assim sendo, podemos dizer que a parte científica da obra de Marx se encontra ainda viva, sendo capaz de fornecer indicações úteis para a compreensão da realidade. O mesmo não se pode dizer do seu projeto político-pedagógico, que se centrava na ideia do comunismo e que demonstra ter sofrido um desaparecimento quase total. É sobretudo a parte política desse projeto que se demonstra obsoleta à complexidade do mundo atual; no entanto, a concepção pedagógica de Marx, a ideia da possibilidade de criar as condições históricas para um desenvolvimento integral da personalidade humana,²³ apresenta ainda algumas sugestões válidas para nós, contemporâneos.

Em contrapartida, no caso do autor dos *Cadernos*, é a parte científica a revelar-se a mais fraca. Na verdade, a ciência política gramsciana, por mais que seja fascinante de estudar numa perspectiva histórica, revela-se hoje datada e em parte ainda parcialmente superada para compreender o mundo atual. Valioso, por exemplo, é o conceito gramsciano de "revolução passiva", que permite compreender os fenômenos das mudanças recentes nos quais ainda estamos imersos, como a sociedade de consumo e o domínio mediático. Quanto ainda atuais e muito úteis são alguns dos conceitos de ciência política que Gramsci elaborou e aos quais não se prestou a devida atenção, tais como "grande potência", "nação hegemônica", "relação de forças", bem como outros.

O conceito gramsciano de vontade coletiva é também fundamental e sua construção é necessária para cada processo de mudança; porém, menos atual e, na minha opinião, decididamente ultrapassado é o conjunto de conceitos político-científicos que Gramsci ligava estreitamente à vontade coletiva que deveria ser popular-nacional e jacobina e que deveria fazer referência a um partido-Príncipe, no qual esta se encarnava historicamente [Q 13, § 1, 1559-61].²⁴ Creio que no mundo atual é necessária uma vontade coletiva para muitos processos de mudança, mas principalmente para promover a paz e nos salvar da autodestruição de uma guerra termonuclear que ameaça, uma vez mais, a nossa sobrevivência, ou para travar a catástrofe ambiental que dois séculos de civilização industrial tem produzido no planeta. Creio que essa vontade coletiva deva ser a mais ampla e democrática possível, devendo basear-se exclusivamente no consenso, sendo originária de todas as classes sociais interessadas na mudança social

²³ Sobre a concepção presente em Marx do homem "omnilateral", conferir: Manacorda (1966, p.53-71). "Omnilateralidade é, portanto, a chegada histórica do homem a uma totalidade de capacidades produtivas e ao mesmo tempo a uma totalidade de capacidades de desfrutar e gozar a existência", em que deverão ser incluídos também aqueles bens espirituais dos quais o trabalhador "foi excluído como consequência da divisão do trabalho" (IVI, p.66).

²⁴ Sobre o conceito gramsciano de vontade coletiva, conferir: Medici, 2000, p.61-90.

e não apenas daquela entidade, não totalmente clara conceitualmente, que é o “povo-nação”.²⁵

APONTAMENTOS PARA UM PERSPECTIVA POLÍTICO-PEDAGÓGICA GRAMSCIANA

Se para utilizar atualmente a ciência política gramsciana é necessária uma série de esclarecimentos e distinções, podemos afirmar que permanece esplendidamente atual a perspectiva pedagógica gramsciana que, para além do progresso intelectual de massa, é reconhecida na ideia do “Leonardo moderno”: a construção histórica real de um novo tipo humano que Gramsci propunha e que deveria resumir em si as prerrogativas do engenheiro americano, do político francês e do filósofo alemão e que, tal como Leonardo da Vinci no seu tempo, deveria possuir totalmente o conhecimento da sua época, bem como superá-lo. Como Gramsci escreve numa carta para a sua esposa, Júlia, era decerto um projeto muito ambicioso.²⁶

Num encontro em Belo Horizonte, com alguns colegas brasileiros (os professores Dore, Semeraro, Magrone, Del Roio e outros), questionamo-nos acerca de como deveria ser hoje esse “Leonardo moderno”.²⁷ A minha opinião a este respeito é que, naturalmente, terão de ser atualizadas as prerrogativas a serem atribuídas à personalidade múltipla do Leonardo moderno. Como é óbvio, a engenharia será talvez a genética ou a informática; enquanto no nível das nacionalidades, terão de ser efetuadas algumas mudanças. O político, por exemplo, devido aos acontecimentos do século XX, não terá grandes razões para ser francês, assim como a filosofia não será tão estritamente alemã como era para Gramsci, em 1930.

Creio, porém, que essas sejam questões mais detalhadas e que o ponto essencial seja outro. Um dos problemas mais dramáticos que se vive no nosso tempo e que se encontra ligado ao desequilíbrio entre o Norte e o Sul é o problema social e político global da imigração dos países pobres para os países ricos, onde, por vezes, como no caso da Itália, os ricos de hoje são na realidade os pobres de ontem. Existe um nó enorme de problemas que se centra na relação entre imigração-clandestinidade-cidadania; problemas aos quais precisamos dar respostas práticas e imediatas, mas que também necessitam de respostas teóricas satisfatórias. É por esse motivo que reitero que o “Leonardo moderno” deve hoje ser, necessariamente, um homem cosmopolita, um cidadão do mundo, que não esteja intimamente ligado a uma origem nacional.

²⁵ O conceito de povo-nação é um conceito que apresenta aspectos contraditórios, resultando apenas em parte coincidente e sobreposto a outro fundamental conceito gramsciano, aquele de “classes subalternas”. Sobre o conceito derivado de “popular-nacional”, conferir: *Popolare-nazionale*, de Lea Durante (FROSINI; LIGUORI, 2004, p.150-169) e também, da mesma autora, o verbete “Nazionale-popolare”, do *Dizionario gramsciano* (conferir: LIGUORI; VOZA (2009, p.573-576).

²⁶ Conferir: A carta a Julia Schucht, de 1º de agosto de 1932. Sobre a ideia gramsciana do “moderno Leonardo”, observou Dario Ragazzini que “a figura de Leonardo torna-se metáfora de um projeto para o futuro” que resume em si “técnica, política revolucionária e teoria crítica” (conferir: RAGAZZINI, 2002, p.76-77).

²⁷ Era o painel nº 3 sobre *Trabalho, política e formação humana: Marx e Gramsci*, no V Simpósio sobre Trabalho e Educação - *Trabalho, Política e Formação Humana em Marx*, Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte, 26 a 28 de agosto de 2009.

Servem alguns instrumentos filosóficos, políticos e jurídicos para que esse novo tipo de cosmopolitismo - que não é idêntico ao encontrado nos séculos passados, contra o qual o próprio Gramsci polemizava - possa afirmar-se de modo positivo. A ideia do "Leonardo moderno" é uma ideia de imenso potencial, que ainda pode se revelar preciosa para nós, contemporâneos: Ainda que os instrumentos com os quais Gramsci acreditava de realizar este projeto estejam, por vezes, em contradição com a grande ideia de elevar moral e intelectualmente as classes mais baixas. De fato, Gramsci – com a sua insistência na necessidade de uma vontade coletiva de tipo jacobino e, especialmente, com a ideia do Príncipe moderno que deve ser a expressão concreta dessa vontade – inicia um caminho que, inevitavelmente, prevê o uso da força e da coerção. A sociedade futura à qual ele aspira é uma sociedade "regulada", onde uma nova concepção de direito deverá ser afirmada e os comportamentos que antes recaem na área do denominado "jurídico indiferente" serão sancionados [Q 13, § 7, 1556].

Foram várias as ocasiões em que Gramsci não fez segredo da sua crença no valor positivo da disciplina e também num certo grau de coerção, sem o qual as mudanças históricas teriam sido impossíveis: como escreve à sua mulher, Giulia. Segundo ele, "o homem é inteiramente uma formação histórica, obtida com a coerção" (entendida aqui não apenas no "sentido brutal de violência externa"),²⁸ contrariamente a Marx que tinha definido a sociedade comunista como o "reino da liberdade".²⁹ Enquanto para Marx uma das palavras-chave é certamente "liberdade", para Gramsci, a palavra mais importante é "responsabilidade"; é por essa razão que o jovem Gramsci declarava com tanta ênfase o seu "ódio" pelos indiferentes, por aqueles que não sabem assumir as suas responsabilidades como homens e como cidadãos.³⁰

LINHAS FINAIS...

A visão de Gramsci, bem mais realista do que a de Marx, prevê a contradição fundamental entre a vontade declarada de resgatar as massas e a crença de que isso possa acontecer devido a um tipo de coerção, que no pensamento iludido de Gramsci poderia se transformar numa "autocoerção". Os acontecimentos históricos do socialismo soviético e os horrores do estalinismo mostraram como aquela ilusão era perigosa, mas sobretudo sem fundamento. Como justamente observou, na sua época, Rodolfo Mondolfo, um socialista democrático que nunca repudiou o marxismo, da coerção nunca poderá nascer o consenso, nem da ditadura a hegemonia.³¹

²⁸ Conferir a carta a Giulia Schucht, de 28 de novembro de 1932.

²⁹ Essa célebre afirmação está contida no capítulo 48 do livro III do *Capital*. É preciso assinalar que Marx não entende a liberdade no sentido liberal, mas no sentido de libertação de cada elemento de alienação e, no caso, de superação da coerção ligada à esfera da produção material: o comunismo seria, numa fase distante no tempo, mas não quimérica, o "reino da liberdade" que sucederia ao "reino da necessidade". Uma ideia de forte valor filosófico, portanto, mais ainda que político no sentido estrito.

³⁰ Conferir: *Indifferenti*, publicado no número único "La città futura", em 11 de fevereiro de 1917 (GRAMSCI, 2004, p.134-135).

³¹ Rodolfo Mondolfo desenvolve essas considerações num ensaio de 1955, *Intorno a Gramsci e alla filosofia della prassi* (cfr. Mondolfo 1967, pp. 279-304). Vejam-se em particular as páginas 300-302, onde são trazidas à luz as "contradições" de Gramsci, que colocava exigências justas, procurando,

REFERÊNCIAS

- BARATTA, Giorgio. **Gramsci in contrappunto**. Roma: Carocci, 2007.
- BIANCHI, Alvaro. **O laboratório de Gramsci**: Filosofia, História e política. São Paulo: Alameda, 2009.
- BLOCH, Ernst. **Das Prinzip Hoffnung**. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1959.
- _____. **Karl Marx**. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1968. Bologna: Il Mulino, 1972.
- DURANTE, Lea. Popolare-nazionale. In: FROSINI, Fabio; LIGUORI, Guido (Org.). **Le parole di Gramsci**: per un lessico dei Quaderni del carcere. Roma: Carocci, 2004.
- ENGELS, Friedrich. **Antidürring**. Leipzig: Genossenschafts-Buchdruckerei, 1878. Roma: ed. Rinascita, 1950.
- FROSINI, Fabio. Il 'ritorno a Marx' nei Quaderni del carcere (1930). In: PETRONIO, Giuseppe; MUSITELLI, Marina Paladini (Org.). **Marx e Gramsci**: Memoria e attualità. Roma: Manifestolibri, 2001.
- GERVASONI, Marco. **Antonio Gramsci e la Francia**: Dal mito della modernità alla scienza della politica. Milano: Unicopli, 1997.
- GRAMSCI, Antonio. **Quaderni del carcere**: edizione critica dell'Istituto Gramsci a cura di Valentino Gerratana. 2ªed. Torino: Einaudi, 1975/2001.
- _____. **La nostra città futura**: scritti torinesi (1911-1922). A cura di Angelo d'Orsi. Roma: Carocci, 2004.
- KANOUSI, Dora. **Los Cuadernos filosoficos de Antonio Gramsci**: de Bujarin a Maquiavelo. Mexico: Plaza y Valdés, 2007.
- MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e la pedagogia moderna**. Roma: Editori Riuniti, 1966.
- MARTELLI, Michele. **Gramsci filosofo della politica**. Milano: Unicopli, 1996.
- MARX, Karl. **L'ideologia tedesca**. 2ªed. Critica della più recente filosofia tedesca nei suoi rappresentanti Feuerbach, B. Bauer e Stirner (v.1). Roma: Editori Riuniti, 1967.
- MEDICI, Rita. **La metafora Machiavelli**: Mosca, Pareto, Michels, Gramsci. Modena: Mucchi, 1990.
- _____. **Giobbe e Prometeo**: filosofia e politica nel pensiero di Gramsci. Firenze: Alinea, 2000.
- MONDOLFO, Rodolfo. Intorno a Gramsci e alla filosofia della prassi. In: BOBBIO, N. (Org.). **Umanismo di Marx**. Torino: Einaudi, 1967.
- MUSITELLI, Marina Paladini. Brescianismo. In: FROSINI, Fabio; LIGUORI, Guido (Org.). **Le parole di Gramsci**: per un lessico dei Quaderni del carcere. Roma: Carocci, 2004.
- RAGAZZINI, Dario. **Leonardo nella società di massa**: Teoria della personalità in Gramsci. Bergamo: Moretti & Vitali, 2002.
- SOARES, Rosemary Dore. **Gramsci, o Estado e a Escola**. Rio Grande do Sul: Unijuí, 2000.

Data da submissão: 29/07/12

Data da aprovação: 20/08/12

porém, alcançar os seus objetivos com meios errados: de fato, escreve Mondolfo, um consenso que deve se produzir com a força não pode ser outro que um consenso forçado, porque "a educação para a liberdade não pode se fazer por meio da autoridade e do despotismo", enquanto a coerção "é sempre produtora de passividade".